

ÍNDICE

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA	9
PREFÁCIO À EDIÇÃO EM HEBRAICO.....	19
PRÓLOGO: O SÁBIO-AMIGO.....	23
SOBRE A NOVA EDIÇÃO COMENTADA.....	25
DIÁLOGO UM	31
DIÁLOGO DOIS.....	81
DIÁLOGO TRÊS.....	133
DIÁLOGO QUATRO	201
DIÁLOGO CINCO	241

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

*“Eu sou o Eterno, teu Deus, que te tirei
da terra do Egito, da casa dos escravos.”*

Êxodo 20:2

Os Dez Mandamentos foram uma revelação única na história da humanidade. Ouvida por todo o povo judeu aos pés do monte Sinai, a voz de Deus continua a ecoar mais forte do que nunca em nossas almas, geração após geração, alimentando a fé inabalável que arde em nossos corações desde aquele momento. Ao longo de todas as jornadas que empreendemos, levamos conosco a mensagem eterna da crença no Deus único, expressa no versículo acima. Por ela, estivemos prontos a morrer; por ela, atravessamos incólumes água e fogo e, graças a ela, sobrevivemos e viveremos para sempre – em nossos filhos e nos filhos de nossos filhos, até o final dos tempos. É o nosso legado maior: a fé no Criador.

Não foram poucos e nem amenos os obstáculos que o judaísmo enfrentou ao longo dos séculos e milênios. A todos eles, nós, judeus, respondemos de cabeça erguida. “O Cuzarí”, esta grandiosa obra clássica do século XI, ocupa lugar de honra na galeria de respostas que, com orgulho e humildade, levamos aos demais povos da terra. Mas, acima de tudo, ela adquiriu valor inestimável como instrumento de autoconhecimento, tarefa que a riqueza de nossa trajetória torna obrigatória, essencial. As ideias e ensinamentos contidos em suas páginas falam em profundidade sobre quem somos e o papel que nos cabe desempenhar em nome do pacto que fizemos com o Eterno.

A importância de uma obra como esta toma proporções ainda maiores em um momento como o que tentamos transpor atualmente. A nova geração encontra-se, como nunca, exposta a apelos e influências destinadas a distanciá-la de sua preciosa herança, e é dever sagrado de cada um de nós impedir que isto aconteça. E “O Cuzarí”, tão poderoso e verdadeiro hoje quanto na época em que foi escrito, é um dos clássicos judaicos que contém todos os elementos capazes de reafirmar a beleza dos valores e a grandeza de nossa tradição.

SOBRE O AUTOR

O Rabino Iehudá ben Shemuel Halevi (conhecido sob o acrônimo de **Rihál**), precursor da historiologia (filosofia da história), consagrou-se como o poeta da nação judaica.

O Rihál nasceu em 1075 em Toledo, norte da Espanha, numa época em que a política local passava por drásticas mudanças em função da consolidação do reinado cristão de Castilha, que chegou ao ápice em 1085 com a conquista da cidade natal do nosso poeta. Uma das consequências deste fato foi a transferência de grande parcela da comunidade para o norte. Toledo transformou-se em centro da cultura judaica, onde floresceram luminas da erudição, como os Rabinos Abraham ibn Ezra e Iehudá Al-Harizi, entre outros, até Maimônides, o Rambam, devolver o brilho ao sul da Espanha, a partir da cidade de Córdoba.

Pouco sabemos sobre a infância e os estudos do Rihál, mas é evidente o fantástico domínio que tinha sobre o Talmud e o *Tanach*, flagrante nas associações e citações presentes em seus livros e poemas – ele compôs mais de mil poemas e cânticos ao longo de sua vida. Torna-se claro, também, o sólido conhecimento que tinha da poesia e filosofia árabes, uma vez que delas lançou mão com raro talento nas respostas que compõem sua obra-prima – “O Cuzari”.

Durante os anos de sua juventude, o Rihál peregrinou pelos grandes centros de estudo da Torá situados no sul da Espanha. Foi aluno na Ieshivá do Rabino Isaac Alfassi, conhecido pelo acrônimo de *Rif*, e amigo do grande sábio Rabino Iossef ibn Migash. Por ocasião do falecimento deste, escreveu um comovente discurso fúnebre.

O Rihál continuou a viajar em busca do saber, e suas jornadas pela Península Ibérica e norte da África permitiram-lhe conhecer de perto a situação trágica do povo de Israel, pressionado entre os cristãos de Edom e os muçulmanos de Ismael – “entre o martelo e a bigorna”. O sofrimento que testemunhou marcou indelevelmente sua alma para sempre.

O dom poético do Rihál era único, especial, e viria a influenciar de maneira decisiva os rumos de sua vida. Conviveu com grupos que uniam a Torá à cultura geral e à nobreza, e desenvolveu sua poesia a ponto de

vencer um concurso que tinha a obra do famoso autor Moisés ibn Ezra como tema – o desafio era “imitar” uma das poesias do mestre.

Foi assim que o jovem Iehudá Halevi, o nosso Rihál, conheceu a família Ibn Ezra, uma das mais ricas e influentes da Espanha na época. Acabou por mudar-se para Granada, sede da casa da importante família e, entre outros benefícios, passou a experimentar uma situação financeira mais confortável do que aquela que conhecera até então. De Granada, seguiu para Córdoba, onde estudou medicina. Mais tarde, regressou a Toledo, casou-se e teve uma única filha. Conta uma tradição que o Rihál foi genro do Rabino Abraham ibn Ezra.

Em uma etapa posterior, estabeleceu-se com a família na cidade de Córdoba. Pode-se constatar, a partir da alegria e da paz interior presentes nas frases, versos e entrelinhas de seus escritos da época, que o Rihál levava então uma vida tranquila. Nem por um momento, porém, esqueceu-se da situação de seu povo. A ele, às suas provações e à sua força sem igual, dedicou as mais belas poesias que compôs.

A situação dos judeus na Península Ibérica e norte da África torna-se cada vez mais insustentável. O Rihál conhece e sente no âmago do seu ser as graves ameaças à nação judaica: de um lado, as Cruzadas; de outro, as perseguições nos países islâmicos. Chora a destruição das comunidades disputadas por cristãos e muçulmanos, e percebe, com rara clareza, a fragilidade e falta de segurança dos judeus na Espanha. Mais do que isto: vê de perto a gradual deterioração dos preciosos valores espirituais do nosso povo, apesar do luxo e da beleza superficiais.

O estado de coisas vigente afeta o espírito do grande poeta. Edom e Ismael guerreiam para dividir o mundo entre si, e o judaísmo é aniquilado batalha após batalha. Nelas, o Rihál identifica os sinais para que o povo judeu desperte e deixe a Diáspora. Ele sente especialmente o sofrimento da *Shechiná* – a revelação da Divindade – e começa a dar asas ao seu próprio sonho de retornar a Tsión.

Nenhum outro poeta judeu jamais expressaria com maior exatidão o sofrimento de um povo que acreditava ter sido temporariamente abandonado por Deus e que, ao mesmo tempo, lutava para manter vivas sua fé e esperança.

Faz parte de um dos belíssimos poemas do Rihal um verso onde diz que seu corpo estava no Ocidente, mas seu coração, no Oriente.

Ao aproximar-se da velhice, é profundamente abalado pelo falecimento de sua esposa. Nos últimos versos que escreve, fala da consciência do pecado, referindo-se a uma possível dedicação excessiva à poesia e às reuniões culturais que manteve durante a juventude – atitude e eventos que dificilmente podem ser definidos como pecados – e declara que, a partir daquele momento, se dedicará somente à purificação da alma e do pensamento (O Cuzarí 2:80).

Seu desejo de ir a Tsión, beijar suas pedras e contemplar o sítio do Templo destruído aumenta sensivelmente. Sonha em caminhar pelos lugares onde Deus Se revelou aos profetas. Ele então toma a decisão de partir, deixando para trás a confortável vida na Espanha, a filha, o neto, os alunos, e dirige-se à Terra de Israel. De nada adiantam os alertas da família e dos parentes sobre os perigos da viagem em idade tão avançada. Os olhos do Rihal estão voltados unicamente para Tsión.

Ele sai da Espanha aproximadamente no ano 1140. Sua jornada rumo à Terra de Israel rendeu ao nosso povo as mais belas poesias sobre o anseio histórico por Tsión e Jerusalém, entre elas “Tsión Halo Tishali”, recitada em algumas comunidades em *Tishá Beav*, o dia que assinala a destruição dos dois Templos sagrados. No caminho, passa por Alexandria e pelo Cairo, no Egito, onde é aclamado pelas comunidades locais. Encontra seguidores fiéis que, por sua vez, também tentam impedi-lo de prosseguir, em virtude dos riscos que terá de enfrentar. Mas o sonho e a saudade falam mais alto, e o nosso poeta segue viagem.

Uma história tão fantástica quanto terrível (citada no livro *Shalsholet Hacabalá*, de Guedalia ibn Hia) conta que, logo ao chegar aos portões de Jerusalém e vislumbrar a Cidade Santa em sua destruição, o Rihal rasga suas vestes, curva-se até o chão e recita a famosa poesia acima mencionada. Então, um cavaleiro árabe que assistia à cena, invejando a profunda devoção que presencia, faz seu cavalo pisotear o poeta – até a morte.

SUA VISÃO SOBRE O POVO DE ISRAEL

O Rabino Iehudá ben Shemuel Halevi desenvolve sua vivência religiosa sobre fundamentos que mesclam história e nacionalismo. O

caráter especial do Povo de Israel e de sua história como revelações da Divindade, e o significado amplo de Tsión enquanto único local onde o povo judeu pode cumprir sua tarefa, são os principais temas de toda a sua obra.

Da mesma forma que o Maharal de Praga, o Rihal vê como centro, como ponto primeiro da escolha Divina, a nação e o espírito do povo, e não o indivíduo em particular. Conhecer a grandeza de *Am Israel* e seu papel na história da humanidade é, segundo sua perspectiva, tão ou mais importante do que compreender as regras morais que regem a sociedade dos homens.

“O povo de Israel entre as nações é como o coração entre os órgãos do corpo; é ele que mais sente as dores, mas também é ele o órgão mais importante e vital entre todos.” Esta frase de sua autoria não enfatiza somente a importância do coração: assim como os demais componentes do corpo humano não sobrevivem sem o coração, também o coração não sobrevive sozinho. Israel é o povo que revela a vontade de Deus. Tem por tarefa e objetivo ser o coração da humanidade, uma fonte de vida espiritual para os outros povos.

O RELACIONAMENTO COM A FILOSOFIA

Para o Rihal, a fé – *emuná* – é a ligação existencial entre o homem e Deus, e encontra-se acima de qualquer limite conhecido. Embora não negue a necessidade do uso do intelecto em determinadas instâncias, ele decididamente desconsidera a filosofia enquanto caminho que leva ao conhecimento de Deus.

O mestre e poeta mostra que a Revelação Divina começa exatamente no ponto onde termina o alcance do pensamento humano. “O Cuzarí” nos ensina que a Revelação Divina provém do infinito, de um lugar situado muito além daquele que a nossa pequena massa cinzenta pode atingir, e é justamente por isto que sua grandeza não encontra paralelo no universo das proporções humanas.

Por outro lado, ele não rejeita a capacidade de raciocínio do homem, como explicamos acima, e afirma que não existe nada na Torá que contradiga a lógica. Mas diz, também, que não é dentro dos limites da lógica que se pode encontrar o infinito. Ensina que a lógica pode

apenas nos ajudar a construir a moldura intelectual para a verdadeira compreensão da Revelação Divina. “O deus de Aristóteles não é o Deus de Abraão” – esta é a verdade que pulsa no coração do Rihal.

É sabido que a filosofia judaica talvez tenha sido influenciada pela filosofia geral dos povos. Mas somente no que tange à forma, e não quanto ao seu conteúdo. Se um deus criado pela especulação filosófica está centrado em si mesmo, limitado pelas leis impostas pela natureza, o Deus de Israel, que Se revelou para o povo em momentos únicos de sua história – na saída do Egito e aos pés do monte Sinai – é um Deus vivo, sempre presente, que tem todas as leis em Suas mãos. É um Deus que possibilita ao homem se elevar e entrar em contato diretamente com Ele por meio da profecia, o caminho que leva aos Céus. Mas, diz o Rihal, não é o homem que constrói a escada até os céus – é Deus que faz descer dos céus uma escada para que o homem possa galgá-la.

Menções à medicina, profissão de Halevi, também podem ser encontradas em sua obra, e percebe-se que a ciência influenciou sua rejeição à filosofia especulativa. Esta postura intelectual levou-o a criticar as construções abstratas típicas de sua época, e ele não teve constrangimento algum em apontar seu relativismo em diversas ocasiões.

SOBRE ESTILO E ENREDO

A moldura, ou o estilo no qual “O Cuzarí” foi escrito, distingue-se também pela originalidade. Pode-se afirmar, com toda convicção, que se trata de uma obra de arte literária.

O Rihal baseou-se num fato histórico ocorrido aproximadamente 400 anos antes de sua época (O Cuzarí 1:1), quando o rei de um povo que habitava as margens do mar Cáspio converteu-se ao judaísmo, juntamente com seu povo. Este fato é mencionado no *Sêfer Hacabalá*, escrito pelo primeiro Raavad, e nos capítulos 3 e 4 do *Sêfer Iuchassin*. Deste, consta uma carta enviada por Iossef, rei dos cazaes, ao sábio Chasdai ibn Shaprut, que fala sobre descendentes daquele povo que estariam entre os sábios da Torá de Tortela.

A fórmula empregada pelo Rihal beneficia o leitor, facilitando tanto quanto possível a compreensão de tão rico e profundo texto: o rei dos cazaes formula perguntas aos sábios da época em sua busca por uma

religião e deles recebe respostas, estabelecendo-se assim terreno propício à discussão. Na breve introdução que faz, o autor usa a expressão “*vehamaskilim iavínu*”, que significa “e os sábios entenderão”. Por meio destas palavras, indica-nos que não se trata de um testemunho histórico do antigo diálogo, mas, sim, que o diálogo foi somente a forma literária escolhida para conter “O Cuzarí”.

Uma após outra, perguntas e respostas encerram verdadeiros oceanos de símbolos e ideias, e é imprescindível que o leitor mergulhe por inteiro em cada detalhe, por mínimo que lhe pareça, para poder extrair do livro toda sua grandeza. Trama e diálogos são extremamente envolventes, mas é essencial estar atento às inúmeras mensagens do autor transmitidas não apenas por meio do conteúdo. A ordem de abordagem dos diversos assuntos, a maneira como o rei elabora as perguntas, os exemplos que servem de ilustração – tudo neste livro tem um porquê, um significado, e convida à reflexão. Uma característica curiosa de “O Cuzarí”: nele, os conhecedores de dilemas filosóficos encontrarão respostas e direção para muitas de suas dúvidas, enquanto o leigo terá a sensação de estar lendo uma densa e interessante peça teatral.

Vale notar que, na Introdução, o autor narra o sonho do rei com um anjo que lhe diz: “Tuas intenções são bem-aceitas pelo Criador, mas não tuas ações.” Surgem as inevitáveis perguntas: por que esta afirmação aparece em um sonho? E por que o rei não tem noção do que ela implica quando acordado? A valiosa mensagem do anjo – de que não basta ser um bom homem e ter boas intenções, pois os atos são igualmente importantes – pode soar um tanto sobrenatural para alguns. Para os judeus, no entanto, ela é totalmente familiar. Disseminada e defendida pela *Halachá*, o código das leis judaicas, é uma das verdades que nos foi ensinada no monte Sinai. Pouco encontrada em outras crenças e culturas, o *insight* que a narração do sonho provoca se assemelharia à sensação produzida pelo “sopro” de um anjo – daí o uso da figura pelo Rihal.

Ainda sobre a mesma narrativa: também poderíamos questionar por que o anjo não teria apontado ao rei o caminho correto. Da omissão, infere-se que a fé deve ser buscada e estudada com afinco. Aqueles que a procuram com empenho e determinação obterão a bênção Divina e a encontrão. Talvez os que tenham vindo ao mundo em meio a um ambiente mais religioso não precisem procurá-la tão longe, mas isto não

significa que a *emuná* não deva ser estudada por todos, sem exceção. Mensagens inestimáveis como estas podem ser extraídas de cada página. Mas, antes, devem ser identificadas pelo leitor, e isto pede dedicação absoluta ao texto.

O questionamento do rei sempre encaminha o diálogo em direção ao tema particular que o Rihal deseja desenvolver naquele momento. Assim se dá com as perguntas sobre o pecado do bezerro de ouro e sobre a idade do mundo. Elas levam de forma indireta à explicação mais profunda sobre *segulá*, a essência do povo de Israel, e acabam por mostrar que os pecados atingem somente a superfície, sem jamais mudar o caráter sagrado da essência do povo judeu. Outro item de orientação para a leitura: sempre que dois assuntos aparecerem em ordem sequencial, deve-se buscar a ligação entre eles – como na pergunta sobre os convertidos, que tem por finalidade ampliar a exploração do tema da *segulá*.

No início de sua pesquisa, o rei convoca um representante dos filósofos – que influenciaram muitos pensadores da época [em algumas edições não censuradas do livro, ele convoca mais tarde um sábio persa] –, um muçulmano e um cristão. As respostas são feitas de forma sintética, mas comprovam o conhecimento do autor sobre os princípios abordados. Passagens como estas e as ideias que contém fazem parte da obra justamente porque “O Cuzari” é muito mais do que uma “apologia”, uma explicação como que “devida” às outras religiões. Como dissemos no início da presente Introdução, o livro é uma preciosa ferramenta de autoconhecimento para os próprios judeus, mais do que um mero livro apologético que discute as diferenças entre as religiões. Uma curiosidade adicional: já houve sugestões para que o leitor ignorasse a Introdução do Autor e fosse diretamente ao parágrafo 10, onde o rei fala sobre o judaísmo.

A forma como o Rihal apresenta o que equivale a um “cartão de visita” do judaísmo é primorosa. Atônito, o rei discute a apresentação inicial do Sábio, que limita o conhecimento de Deus à Sua Revelação aos nossos antepassados, sem falar da Sua magnitude, da Criação do mundo etc. O rei chega a se arrepender por consultar os judeus, um povo perseguido e sofrido. Este era, por sinal, um ideal cristão: humilhar o povo judeu como forma de justificar seus “caminhos errados”. É justamente aí que o Rihal revela ao rei que aquilo que parece, à primeira vista, uma limitação

é, na verdade, a maior virtude do judaísmo – que a Torá não nasceu de uma especulação, nem tampouco do testemunho de um ou de alguns homens. Nosso Deus é o Deus da Revelação, e todo o povo presenciou esta experiência e ouviu Sua voz num evento inédito na história da humanidade que, inclusive, chegou a servir de base para outras religiões. Segundo o Rihal, “não foi o homem que trilhou o caminho até Deus; foi Deus que veio até nós e ensinou-nos Sua vontade”.

É necessário frisar que, no início do Segundo Diálogo, o rei se converte ao judaísmo e, com ele, todo seu povo. A partir deste momento, assuntos que haviam sido tratados no Primeiro Diálogo de forma mais superficial são então aprofundados. A mensagem que podemos extrair desta constatação é que a forma teórica de apresentar o judaísmo para quem está distante dele é muito limitada, se comparada ao que se pode receber quando se é parte da nação escolhida.

Sob outro ângulo, sabemos que o aperfeiçoamento pessoal no judaísmo é alcançado sobretudo por meio do cumprimento dos mandamentos, e que aqueles que o vivenciam de forma plena podem criar um vínculo verdadeiro com o Eterno. Pode-se tentar “explicar” as cores a um deficiente visual, mas de nada adiantará, pois é impossível compreender o amarelo ou o vermelho sem possuir o sentido da visão.

O Rihal foi também, sem dúvida, um gênio da *Halachá*, o código das leis judaicas. Esta genialidade transparece quando, nas entrelinhas, ele aborda assuntos polêmicos e controvertidos, como a linha do tempo (o fuso horário), os limites da Terra de Israel etc. Grande parte do Terceiro Diálogo é dedicada às respostas aos caraítas. Já no Quarto e Quinto Diálogos, ele entra no campo da filosofia e aborda temas cabalísticos, como o *Sêfer Ietsirá*, o Livro da Criação etc.

Ideias mais elevadas, como profecia e ligação com a Divindade, são desenvolvidas pelo Rihal a partir de uma abordagem positiva. Ele fala do “estar de bem” com a vida e da alegria contida do judaísmo. Ensina que, embora a Torá prometa a recompensa principal no *Olam Habá* (Mundo Vindouro), aos justos e devotos é concedida parte desta recompensa ainda neste mundo, ao longo da vida. Fala do mundo físico, limitado, e da janela que o Eterno abre para os justos, permitindo que sintam a Luz Divina através dela – um prazer inigualável. Este bem-estar espiritual faz com que o judaísmo delicie aos que o experimentam por inteiro.

A alegria e o sentimento de paz em relação à vida são uma constante em todo o livro, em especial no início do Terceiro Diálogo, quando o Rihal define o *chassid*, que seria o israelita ideal. Instala-se então um ar de otimismo, apesar das dores e opressões, o que justifica o subtítulo original da obra: “Livro de Argumentação e Prova em Defesa de uma Religião Desprezada”. Ao responder à pergunta do rei sobre o *chassid*, o Rihal nos arrebatava com uma resposta fantástica: ele descreve um homem equilibrado, em harmonia e de bom senso. O rei, então, expressa sua censura, dizendo não estar à procura de um bom administrador, mas, sim, de um homem que tenha as características de um justo. A mensagem é cristalina: o ideal não estaria nos extremos, nem na tentativa de fugir à natureza humana. O ideal é viver a vida que Deus nos deu da forma mais plena possível, buscando e cuidando de manter o equilíbrio entre físico e espírito para, assim, alcançar a paz interior.

Para finalizar, diria que “O Cuzarí” é um livro que reúne intelecto e emoção, moral e história. Mas, acima de tudo, é um livro sobre a essência da *Emuná*. O Rabino Iehudá Halevi nos ensina que não basta “entender” ou “sentir” o judaísmo; o fundamental é viver a fé judaica em sua plenitude.

Nissan 5763.

Rabino Raphael Shammah

Diretor da Yeshiva Or Israel College

OBSERVAÇÃO: Os intertítulos foram elaborados pelos editores e acrescentados à obra apenas para facilitar sua leitura. No Diálogo Um, os trechos **em negrito** assinalam partes e frases da maior relevância.

PRÓLOGO: O SÁBIO-AMIGO

Já se passaram novecentos anos desde que esta maravilhosa obra, o *Sêfer Hacuzarí*, foi escrita, e ela continua a ser um livro básico para o estudo dos fundamentos da fé judaica e da Torá de Israel.

O *Chidá* (Rabino Chaim David Azulay), em seu livro “O Nome dos Grandes (Sábios) de Israel”, descreve o Rabino Iehudá Halevi como “um poeta magnânimo, que proclamava sua poesia com total fervor frente a Deus... com expressão cândida e prosa doce como o mel, fala cristalina e aconchegante”. Muitas de suas poesias foram copiadas para o livro judaico de orações. Sua maravilhosa poesia *Tsiôn Halo Tishalí*, um cântico de saudades profundas pela Terra de Israel, encerra as lamentações de *Tishá be Av*. Não conheço em toda a nossa literatura uma poesia tão marcante de saudades por nossa terra.

No livro “O Cuzarí”, ele protesta contra o desleixo dos judeus da Diáspora em tentar ascender à Terra de Israel, povoá-la e reerguê-la dos escombros, tanto no passado, durante o período do Segundo Templo, quanto em sua época (e mesmo agora, na nossa). A lenda popular descreve as circunstâncias de sua trágica morte logo ao chegar na sua amada pátria ancestral. Conta a tradição, que o rabino Iehudá Halevi pôs-se de pé no convés do navio que o trazia de volta a Israel, enquanto este se aproximava do porto de Jaffa, esperando com grande ansiedade o momento de descer à terra. Logo ao chegar ao solo santo, pulou do navio e deitou-se no chão, beijando e abraçando sua areia e suas pedras. Assim fizeram também os grandes sábios de Israel que o precederam, como o Rabi Abahu e o Rabi Chía bar Gamada (Talmud, *Ketubót* 112). Um árabe que passava por ali, montado em seu cavalo e sem compreender a cena, pensou que o rabino estava louco. Com muita raiva, subiu sobre ele com o seu cavalo, pisoteando-o até a morte.

O Gaon de Vilna despertou e estimulou seus discípulos a estudarem “O Cuzarí”, “um livro santo e puro, cujos princípios da fé de Israel e da Torá dependem de seu estudo” (*Tosséfet Maassê Rav*, parágrafo 15).

Um detalhe curioso e peculiar do livro é a forma como o rabino é

designado. Ele não é chamado de “rabino” e nem mesmo de “sábio” ou “gaon”, e sim por um termo cujo significado é especial em hebraico e árabe e que não pode ser plenamente traduzido para outros idiomas. Quem lê esta obra em idioma estrangeiro perde muito de seu significado, devido às nuances de linguagem do autor.

Neste livro, o judeu é chamado de *chaver*, “amigo”, cujo significado em hebraico é duplo. Na linguagem falada em nossos dias, quer dizer “colega”, “companheiro”. O mesmo se dá no *Pirkê Avot* (1:6): “Adquire um amigo.” Não obstante, esta palavra tem um significado adicional no hebraico original: na época dos sábios da *Mishná*, os grandes eruditos em Torá e minuciosos no cumprimento das *mitsvót* eram chamados de *chaverím* (*Mishná*, *Demai* 2,3). O *chaver* (“amigo”) é um mestre, conselheiro e orientador (ver o Rashi em Gênesis 45:8, com referência a José, quando o Faraó o nomeou chefe de governo). *Chéver* é um dos nomes de Moisés, pois ele conectava o povo de Israel com seu Pai Celestial (Talmud, *Meguilá* 13).

Esta duplicidade idiomática foi bem empregada no livro “O Cuzarí”. As respostas ao rei não foram dadas por um erudito ou acadêmico, enclausurado em sua torre do saber, ou por um gênio totalmente distanciado da compreensão das pessoas simples. O sábio judeu, mesmo extremamente versado nos assuntos da Torá, soube falar ao seu interlocutor de modo amistoso e caridoso. As respostas foram dadas “ao nível dos olhos”, podendo ser compreendidas por qualquer um de nós. Deste modo, é mais fácil “amigar-se” com o texto, entendê-lo e aceitá-lo. Não se trata de uma palestra ou aula, mas, sim, de um colóquio ameno e objetivo entre duas pessoas muito próximas espiritualmente uma da outra.

Na tradução do texto ao português, não há como manter o significado mais amplo da palavra *chaver*, daí a opção pelo termo “Sábio”. Não obstante, a lembrança do Rabino Iehudá Halevi nos lábios de todos aqueles que estudarem e abraçarem seus ensinamentos, será sempre a do “amigo-sábio”.

Rabino Moshe I. Bergman

Sociedade Beneficente Cultural Bnei Akiva de São Paulo

SOBRE A NOVA EDIÇÃO COMENTADA

“O Cuzarí” é uma obra extraordinária e emocionante, e sua origem está relacionada a uma grande tempestade.

A Espanha do século XII é palco de inúmeras disputas entre distintas religiões e visões de mundo. O território espanhol, que há pouco tempo havia sido conquistado pelos muçulmanos, aos poucos vai sendo libertado pelo contra-ataque cristão numa guerra que ainda duraria dezenas de anos – a Reconquista.

O sul da Espanha, ainda sob domínio muçulmano, é governado por um grupo de radicais chamados almóadas.

Nesse meio tempo, é organizada a Primeira Cruzada, que parte da Europa rumo à Terra de Israel, e esta sai do domínio muçulmano e cai nas mãos sanguinárias dos cruzados.

No meio dessas tempestades geopolíticas, ocorre uma luta paralela entre várias correntes espirituais: o islã, o cristianismo e a filosofia neoplatônica. O contato entre essas correntes, mesmo que proveniente de guerras e conquistas, desperta uma efervescência intelectual e a busca de um renascimento espiritual.

Muitos judeus são despojados de suas casas, trabalhos e posições sociais, e obrigados a vagar como nômades entre as Espanhas cristã e muçulmana. Enquanto isso, as comunidades judaicas do resto da Europa são massacradas pelas Cruzadas. Paralelamente a essas desgraças, o islã e a filosofia se apresentam aos judeus como pretensos substitutos espirituais do judaísmo, ambos modernos e coroados de êxito político e militar.

Essa é uma época de renascimento espiritual e, portanto, propícia para uma obra que apresentará clara e convincentemente as bases da fé judaica; uma obra que destacará os aspectos exclusivos do judaísmo comparado aos seus concorrentes; uma obra que esclarecerá os objetivos judaicos nas suas diversas dimensões: do indivíduo, da nação e do mundo.

Nesse ponto, essa geração é agraciada por Deus com o aparecimento do Rabino Iehudá Halevi, que assume a responsabilidade de escrever o “Livro em Defesa da Fé Humilhada” (escrito originalmente em árabe), para que presenteasse o povo judeu com uma obra imortal e dinâmica, que se autorrenovasse o tempo todo e que descrevesse, de uma forma ao mesmo tempo sistemática, emocionante e profunda, os objetivos da existência do judaísmo e dos judeus de todas as épocas.

O RABINO IEHUDÁ HALEVI

Iehudá Halevi foi um dos maiores rabinos da Espanha do século XI. Grande poeta, filósofo e médico, foi um dos principais pensadores judeus da Idade Média. Foi aluno do grande Rabino Isaac Alfassi (também conhecido pelo acrônimo de *Rif*) e amigo íntimo do rabino Avraham ibn Ezra – um exímio poeta cujas obras, tanto religiosas como laicas, preenchem dez grossos volumes.

É possível dividir a vida do Rabino Iehudá Halevi em três fases. Na primeira, ele viajava entre cortes de nobres que o contratavam como poeta. Depois, foi nomeado médico da corte do Alfonso VI, rei de Castela, cujo palácio ficava na cidade de Toledo.

Porém, quando o seu protetor na corte, o ministro Shelomo ibn Ferutiel, foi assassinado, o Rihál – acrônimo de Rabino Iehudá Halevi – teve de preparar a sua traxe mais uma vez e cair na estrada, mas desta vez acompanhado pelo rabino Ibn Ezra. Porém, ele não era mais um poeta andarilho anônimo, que podia ser contratado por alguns trocados, e sim, uma figura respeitada em toda a Espanha muçulmana: um rico médico e comerciante.

No ano 1140 da era comum, o Rihál concretizou o seu sonho e realizou o principal ideal de sua visão do judaísmo: ele partiu em direção a Terra de Israel.

Sua jornada tem início em um navio que partiu rumo ao Egito. Lá, o Rihál teve dificuldades para abandonar o círculo de seus admiradores locais. Alguns documentos encontrados na *guenizá* do Cairo e publicados nos últimos anos descrevem que o Rabino Iehudá abandonou o Egito no mês de *Sivan* e morreu, aparentemente em Israel, naquele mesmo ano no mês de *Av*, poucos meses depois.

Uma lenda do século XVI conta que, quando o Rihál chegou a Jerusalém, ele beijou as suas pedras, recitou a sua poesia *Tsión haló tishali* e, então, pisoteado por um cavaleiro árabe, morreu.

Não há provas documentais sobre a veracidade dessa lenda, porém os manuscritos encontrados na *guenizá* dão a entender que o Rabino Iehudá Halevi não morreu de morte natural depois de chegar à Terra de Israel. Contra a versão do cavaleiro árabe está a evidência de que, naqueles dias, Israel estava sob o domínio dos cruzados.

Após a conquista da Cidade Velha de Jerusalém, na Guerra dos Seis Dias (em 1967), a prefeitura da cidade decidiu fazer uma homenagem ao Rabino Iehudá Halevi. Até então, havia uma rua no bairro de Rechavia (cujas ruas tem o nome de rabinos da Espanha medieval) com o seu nome; porém, devido à tradição de que o pisoteamento do Rihál ocorreu aos pés do Cotel, achou-se mais apropriado que o seu nome fôsse dado às escadas que descem à esplanada do Cotel.

OS CAZARES

No livro, para apresentar as suas ideias, o Rabino Iehudá Halevi recorreu às disputas religiosas entre judeus e cristãos na Idade Média, na quais representantes das diferentes religiões eram convocados a se apresentar perante a corte real, onde debatiam publicamente sobre a veracidade de suas respectivas religiões.

A discussão seguia o formato de um debate com perguntas, respostas, réplicas, e tréplicas.

Porém, no “O Cuzarí”, a tensão do debate é dissolvida logo no começo, antes mesmo de os representantes das distintas visões abrirem as suas bocas. O simples fato do Rihál ter escolhido o reino dos cazares como palco da disputa, e o rei deles como juiz, já prenuncia a vitória da visão judaica no debate.

A história do reino dos cazares, que se converteu ao judaísmo, era bem conhecida na época em que o Rihál escreveu o seu livro.

O reino dos cazares, cuja capital era a cidade de Itil, às margens do Volga, estendia desde esse rio e as montanhas do Cáucaso até o Mar Negro e o Mar Cáspio, e controlava a “rota da seda” e outras rotas

comerciais que conectavam a Europa à Índia e ao extremo oriente. Aparentemente, foi a partir de caravanas que percorriam essas rotas que o judaísmo chegou à Cazária e conquistou o coração de seus soberanos. Posteriormente, eles converteram todos os seus súditos ao judaísmo e o adotaram como religião oficial.

Portanto, quando o Rihal apresenta o seu livro como uma discussão inter-religiosa que ocorreu na corte cazária, ele preenche um “buraco negro histórico” e propõe uma “resposta” ao mistério da conversão dos cazares ao judaísmo e, ao mesmo tempo, garante aos leitores o inevitável desfecho positivo da história.

A história garantiu ao “O Cuzarí” o título de uma obra brilhante e fundamental entre os clássicos da filosofia judaica, ao ponto de o Gaon de Vilna dizer que “o O Cuzarí é um livro santo e puro. Os princípios da fé de Israel e da Torá dependem de seu estudo”.

Dentro desta visão e a pedido do editor por ocasião de minha visita ao Brasil, escrevi alguns breves comentários, espalhados pelo livro e na forma de “pergunta e resposta”, que sintetizam algumas das principais ideias do livro, a fim de que você, leitor, possa ter uma noção bastante geral do que trata esta linda obra.

Av 5769.

Rabino Nôam Perl

Diretor da Yeshiva Colegial de Sussya

www.sussya.org.il

DIÁLOGO UM

1. Tenho sido consultado sobre como se deve contestar e responder aos filósofos e crentes de outras religiões que refutam nossa fé. Ou como contradizer os caraítas e todos os que negam a Tradição Oral judaica. Lembrei-me, então, das ponderações do rabino ao rei dos cazares, num diálogo havido quatrocentos anos atrás, no século XI da era comum, cuja decorrência foi a conversão do rei ao judaísmo.

A história conta que, repetidas vezes, o rei sonhou com um anjo que lhe dizia as seguintes palavras:

*“Tuas intenções são bem-aceitas pelo Criador,
mas não tuas ações.”*

O rei procurava dedicar-se aos rituais da fé cazar, até oficiando, ele próprio, os serviços e oferecendo os tradicionais sacrifícios com máxima devoção. Porém, apesar de todo seu empenho, o anjo continuava a aparecer em seus sonhos:

*“Tuas intenções são bem-aceitas pelo Criador,
mas não tuas ações.”*

Por influência destes sonhos, o rei da Cazária (ou, simplesmente, “O CUZARÍ”) decidiu investigar as religiões e os credos, em busca da verdade. Até chegar ao judaísmo, adotando-o como sua fé e, consigo, grande parte dos cazares.

Muitos dos argumentos que o rabino – a partir de agora denominado “O SÁBIO” – expôs ao Cuzarí, coincidem com minhas ideias. Decidi apenas registrá-las, nada lhes subtraindo nem acrescentando.

Diz a história, que o Cuzarí não só viu nos sonhos que suas ações não eram bem aceitas pelo Criador, como também recebeu instruções para investigar que atitudes seriam aceitas por Ele.

Iniciou sua investigação interpelando um filósofo, questionando-o sobre suas convicções:¹

(1) Ver a argumentação do Sábio a esse respeito no Diálogo 2:6. (M.G.)

O FILÓSOFO

Disse-lhe o filósofo:

Na nossa opinião, o Criador se eleva acima de desejos e aspirações. Ele não tem vontade ou ódio. Em verdade, se alguém deseja algo, é porque tem carência deste algo, e somente com sua aquisição atingirá sua plenitude e alcançará a perfeição! Na opinião dos filósofos, Deus é demasiado Elevado e Exaltado para se relacionar com os detalhes mundanos que estão em constante mutabilidade – o conhecimento Divino não sofre alterações. Por esta razão, nós, filósofos, acreditamos que o **Criador não conhece Vossa Majestade e tampouco sabe de seus atos e intenções**, nem escuta suas preces ou lhe nota os movimentos. Se um filósofo diz que Deus lhe criou, isto é apenas uma metáfora; afinal, Ele é a Causa das causas da existência de toda a Criação; mas não que tivesse atuado direta ou explicitamente na sua criação.

Somos de opinião que o mundo sempre existiu, sem ter havido um início. Sempre existiu o homem; ele foi remota e eternamente originado de outro ser humano. **Embora o Criador não tenha criado o Universo por algum ato intencional, toda a Criação emana Dele, bendito seja.** A causa original deu origem a uma segunda causa, a segunda a uma terceira, e assim por diante. Houve, então, uma união das causas com os efeitos na forma de um encadeamento que nos parece uma sucessão de eventos naturais. Tal como a causa original sempre existiu, sem que houvesse um marco inicial, assim também, infinitamente e sem origem determinada, é o desenvolvimento das leis da natureza, resultado da inter-relação causas e efeitos.²

As características das pessoas, seus atributos e poderes espirituais dependem de fatores naturais, hereditários e climáticos, da cidade e do país onde vivem, de sua nutrição, do efeito das marés e da influência dos astros que afetam os mundos inferiores por sua disposição e localização no espaço cósmico. **Para cada pessoa neste planeta há uma determinada causa que a conduz à perfeição de sua existência.** Existem pessoas cujas causas naturais estão completas e podem atingir a plenitude, enquanto outras foram criadas sem este potencial. Por exemplo: um cushita, por sua natureza, não tem meios de ultrapassar o nível mais baixo

(2) Ver a resposta do Sábio no Diálogo 5:7-11. (M.G.)

da humanidade. Até seu modo de falar é inferior. Por outro lado, um filósofo, por natureza, é capaz de absorver tudo o que é perfeito, o que inclui conceitos éticos, científicos e práticas profissionais. No entanto, esta perfeição é apenas potencial; para implementá-la, é necessário praticar e estudar conceitos éticos com afinco até que, por mérito desta preparação, atinja a perfeição adequada às suas virtudes. Ressalte-se que há infindáveis níveis intermediários separando o cushita do filósofo.

O INTELECTO ATIVO

Uma sublime luz Divina permeia o indivíduo perfeito. A esta luz chamamos de “intelecto ativo”.³ O intelecto ativo comunga com o indivíduo perfeito de tal forma que se une à sua mente parecendo fundir-se numa única entidade. Como resultado, os membros desta pessoa não farão quaisquer movimentos a menos que sejam perfeitos, nos momentos mais adequados e, ainda, na melhor dentre todas as possibilidades – como se estivessem sob comando direto e exclusivo do intelecto ativo, não mais realizando as atividades naturais determinadas pela mente original. Enquanto a pessoa não atinge este estágio, ela alterna boas ações e equívocos. Ao alcançar o intelecto ativo, somente fará o bem. **Este é o nível mais elevado que o homem pode almejar, pois sua mente estará então livre de dúvidas e imbuída de conhecimento e entendimento verdadeiros!**

A mente daquele que alcança o *status* do intelecto ativo se assemelha a um anjo. Seu nível é apenas um degrau abaixo dos anjos. Os anjos são intelectos abstratos, desprovidos de substância material. São eternos, como a Primeira Causa, e jamais temem ser destruídos. **Quando a mente do indivíduo completo se une com o intelecto ativo constituindo uma única entidade, ele não mais teme a morte de seu corpo ou órgãos. Sua alma alcança a eternidade**, como as de Hermes, Asclépio, Sócrates, Platão, Aristóteles e seus pares, que vivem para sempre. Este esforço em atingir este nível é o que se chama de “vontade de Deus”, embora isto seja apenas uma alegoria.

(3) “Intelecto ativo” é o termo utilizado pelos filósofos para descrever o poder Divino que atua no mundo, enquanto o termo “intelecto” designa a mente sem o corpo ou substância material, como os anjos. (M.G.)

Busque atingir este *status*, explore o conhecimento da verdade em todos os assuntos. Junte-se aos justos em atributos e ações, porque eles lhe auxiliarão na busca da verdade. Ame o estudo e aspire atingir nível similar ao do intelecto ativo. Então você absorverá as virtudes do contentamento, da humildade, da modéstia e demais atributos da excelência. Cresça e avance sempre na direção da Primeira Causa, mas não para ganhar Sua simpatia ou regozijar-se com Sua vontade, nem para que Ele contenha Sua ira contra você; faça-o com o exclusivo intuito de se assemelhar ao intelecto ativo por meio do conhecimento da verdade. Tal virtude fará você ver as coisas como elas realmente são.

Nesta situação, não se incomode com qual orientação seguir, qual religião adotar ou com que idioma ou palavras você O glorificará. Se desejar, opte por uma religião que lhe conduza à modéstia, à glorificação e exaltação de Deus, ao aperfeiçoamento das suas virtudes e com a qual acostumar-se seus familiares e conterrâneos, ainda mais se você tem alguma ascendência sobre eles. Ou adote uma religião com mandamentos racionais, como a elaborada pelos filósofos, objetivando o refinamento de sua alma. Estabeleça a meta de refinar sua mente, anseie sempre pela pureza dos sentimentos, e, assim, após adquirir um entendimento verdadeiro das coisas, você atingirá seu propósito de aderir ao “intelecto ativo”. Ele então lhe propiciará chegar à profecia, antecipando eventos futuros por meio de sonhos verídicos e visões confiáveis.

2. O CUZARÍ: *Tuas palavras têm lógica, mas não respondem satisfatoriamente à minha pergunta. Eu sei que minha alma é pura e toda minha vontade é agradar ao Criador e, no entanto, fui informado que minhas ações não são aceitas, embora minhas intenções o sejam. Isto significa que, sem dúvida, o Criador deseja certas ações como um objetivo por si só! Não fosse assim, por que o cristianismo declararia guerra ao islão e vice-versa, dividindo o mundo entre eles? Concordemos: ambas se empenham na purificação da alma e desejam comungar com Deus, praticando abstinência, jejuns e preces. E, com tudo isto, matam outras pessoas por acreditarem que desta maneira estejam cumprindo uma ordem que as aproximará do Criador. E mais: que pelo mérito desta ação serão até recompensadas no Mundo Vindouro! Seria insensato crer que ambas as religiões dizem a verdade!*

3. O FILÓSOFO: De acordo com a crença dos filósofos, não se admite matar uma pessoa por causa de sua fé, seja ela cristã ou islâmica. *Pois o propósito da vida é vivermos de acordo com os ditames da razão.*

4. O CUZARÍ: *Será que somente neste aspecto os religiosos se desviaram da lógica? De acordo com os filósofos, há um equívoco ainda muito maior cometido por estas duas religiões! Afinal, elas acreditam na criação ex nihilo (a partir do nada) durante seis dias e numa Primeira Causa que até fala com os humanos, bem ao contrário dos filósofos que A exaltam acima dos detalhes! Além disso, em consequência das atitudes dos filósofos, de sua busca pela verdade e por todo seu empenho, o mais provável seria que a profecia fosse encontrada entre eles – uma vez que somente eles estão ligados ao mundo espiritual. Mas a realidade é que não se sabe de quaisquer milagres que tenham ocorrido por meio dos filósofos! Pelo contrário: a realidade é que os sonhos e suas mensagens são confiados aos que não se ocupam do saber ou da purificação da alma, enquanto os filósofos, que se devotam ao conhecimento e à purificação do espírito, não logram atingir tal status. Tudo isto indica que o segredo da conexão entre a alma humana e a Divindade é diferente do que você, ó filósofo, acaba de mencionar!*

* * *

Depois da conversa com o filósofo, o CUZARÍ decidiu questionar os cristãos e os muçulmanos, pois tornou-se-lhe óbvio que um destes modos de conduta seria o desejado pelo Criador. Quanto aos judeus, o CUZARÍ sentiu não haver motivo algum para indagá-los, devido à sua condição social inferior, por serem menosprezados pela maioria da população e por representarem uma diminuta parcela da sociedade.

Chamou um sacerdote cristão e perguntou-lhe sobre seus credos e quais os mandamentos que o comprometiam.

O CRISTIANISMO

O sábio cristão disse-lhe:

Acredito que todo o Universo foi criado *ex nihilo*, durante os seis dias da Criação, pelo Criador, que a tudo antecedeu. Acredito que

toda a humanidade descende de Adão e Noé. Acredito que o Criador vigia Suas criaturas e Se comunica com elas, revela-Se a Seus profetas e fala aos justos, ira-Se com os que transgridem Sua vontade e tem compaixão daqueles que a cumprem. Ele habita entre a nação que desejar, selecionando-a entre as nações do mundo. Em resumo, acredito em todos os prodígios e milagres relatados na Bíblia, que são decididamente verdadeiros devido à sua notoriedade e constância ao longo do tempo, e porque foram testemunhados por um grande número de pessoas.

Na sequência ao que foi relatado na Bíblia, a Divindade se materializou e adquiriu a forma humana no ventre de uma virgem procedente da nobreza judaica. Ela deu à luz um ser humano que, na verdade, era a divindade oculta; aparentemente, um profeta e, ao mesmo tempo, um deus oculto. É o messias, também chamado de filho de Deus; ele é o pai, o filho e o espírito santo. Ainda que o vejamos como uma trindade, na verdade é uma só entidade. Acreditamos nele. Acreditamos que fez seu divino espírito repousar sobre o povo judeu para honrá-lo durante certo período, quando a abundância celestial era concedida aos judeus, até que suas multidões se revoltaram contra este messias e o crucificaram.

Desde então, Deus mudou sua relação com os judeus e, agora, Ele está irado com a nação judaica. Por isto, Deus transferiu Sua vontade para os indivíduos que seguiram este messias, e destes para as nações que os seguiram, e nós nos consideramos entre estas pessoas. **Ainda que não sejamos de linhagem hebraica, cabe a nós a denominação de “filhos de Israel” – até mais do que aos judeus! – pois somos nós que seguimos os ensinamentos do messias.** Os discípulos de Jesus eram judeus, doze deles, que substituem as doze tribos. Um grande número de judeus seguiu estes doze discípulos, que foram como que a levedura do fermento da nação cristã.

Deste modo, tornamo-nos merecedores do *status* de filhos de Israel, porque a nós foi dado o poder para governar o mundo. Todas as nações estão conclamadas a aderir à nossa fé e a glorificar o messias, exaltando o símbolo da cruz, como aquela de madeira na qual ele foi crucificado. Nossas leis e mandamentos provêm do enviado Shimon, além das leis da Torá, que nós estudamos e cuja veracidade e Divindade são irrefutáveis. Conforme as palavras do messias no Evangelho: **“Não vim para contestar**

os mandamentos dados aos judeus por Moisés, seu profeta, mas para fortalecê-los e conservá-los”.

5. O CUZARÍ: *A lógica não admite que esta argumentação seja verdadeira! Mais do que isto: a razão se contrapõe à realidade destes fenômenos. Somente quando experimentos e provas convalidem os fatos, até que neles se acredite totalmente e não haja outra hipótese que os esclareça, aí então, lentamente, tais fatos se fixam na mente e são aceitos. Atitude semelhante é observada entre os cientistas: quando se conta a eles sobre um fenômeno desconhecido por eles, negam-no até que possam vê-lo e, quando o presenciam, são forçados a admitir que este fenômeno realmente existe e a obter explicações científicas para sua ocorrência, seja na astronomia ou nos demais sistemas da Criação, sem jamais rejeitar o fato observado. O mesmo se dá comigo: eu não fui criado nesta fé e não me vejo inclinado a aceitar a veracidade do que você me contou! Sinto-me na obrigação de investigar tudo isto, não podendo acreditar sem provas completas.*

* * *

O CUZARÍ mandou chamar um sábio muçulmano e perguntou sobre sua religião e seus mandamentos.

O ISLAMISMO

O sábio muçulmano afirmou:

Acreditamos na Unicidade de Deus e na Sua Providência sobre tudo que existe, que todo o Universo foi criado *ex nihilo* e que a humanidade descende de Adão e Noé.

De acordo com nossa fé, o Criador é destituído de qualquer materialidade, e mesmo que nossa literatura use expressões que O façam parecer corpóreo, devemos esclarecer que estas expressões são usadas somente como metáforas ou alegorias. Acreditamos que nosso livro sagrado, o Alcorão, foi ditado por Deus: é uma obra maravilhosa e nos obrigamos a aceitá-la por sua própria essência, pois nenhum homem seria capaz de escrever tal livro, nem mesmo parte dele. Nosso profeta é o derradeiro dentre os profetas e, como tal, anula as religiões que o

precederam e conclama todas as nações a juntarem-se à fé islâmica. A recompensa dos fiéis que seguem sua orientação é a total satisfação dos desejos humanos, como comer, beber e entregar-se a relações sexuais após a morte, quando a alma retorna ao corpo no Jardim do Éden. Os desobedientes serão punidos, sendo consumidos pelo fogo eterno e passando por intermináveis sofrimentos.

6. O CUZARÍ: *Se uma pessoa deseja ensinar a alguém a conduta correta na vida por meio de uma religião e esclarecer como Deus fala com gente de carne e ossos, mas seu interlocutor se recusa a aceitar estes ensinamentos, então ela deve fornecer provas irrefutáveis e, mesmo depois disso tudo, não há ainda a certeza de que ele acredite nesta religião! Realmente, para vocês, o mero fato de tal livro conter estes ensinamentos é por si só uma prova de sua divindade, sem que prova adicional alguma seja requerida. Porém, uma vez que este livro está escrito em árabe, um estrangeiro, como eu, não tem como conhecer estas provas; e mesmo que seja lido para mim, não poderei distinguir entre ele e qualquer outro escrito em árabe.*

7. O SÁBIO MUÇULMANO: De fato, nosso profeta realizou milagres, mas estes milagres não constituem provas ou evidências que nos obrigam a aceitar seus ensinamentos.

8. O CUZARÍ: *Em geral, as pessoas não admitem facilmente que o Criador se comunica com os humanos. Isto só pode ser provado por meio de milagres que modificaram o curso da natureza, evidentes a todos e que jamais teriam ocorrido sem a ação Daquele que criou o mundo a partir do nada; milagres que tenham sido presenciados por uma multidão, e não simples boatos ou mera tradição. Este assunto deve então ser examinado exaustivamente, até que não reste qualquer dúvida de que estes milagres são autênticos, e não fruto de magia ou imaginação coletiva. Com isto tudo, talvez se possa acreditar que o Criador de toda a Criação, deste mundo e do Mundo Vindouro, dos Céus e dos astros celestes, comunica-Se com este desprezível elemento chamado homem e fala com ele, atendendo seus pedidos e desejos.*

9. O SÁBIO MUÇULMANO: Nosso livro de ensinamentos está repleto dos eventos que ocorreram com Moisés e os judeus, e não há quem esteja em

desacordo com o que Ele fez ao Faraó: que Ele partiu o mar e salvou Seu povo eleito, afundou os que O iraram e que, por quarenta anos, supriu-os com maná e codornizes; que falou a Moisés no Sinai e estagnou o sol para Josué, ajudando-o na luta contra guerreiros filhos de gigantes. Numa época anterior, o castigo do dilúvio e a destruição de Sodoma e Gomorra. Todos estes acontecimentos são públicos e notórios, e não há razão para crer que sejam ilusórios ou imaginários!

* * *

10. CUZARÍ: *Sinto-me no dever de questionar também os judeus sobre sua religião, pois todos concordam que eles são remanescentes dos filhos de Israel. Vejo que eles são o testemunho e prova fiel para todas as religiões que apregoam que o Criador tenha outorgado Sua doutrina neste mundo.*

O JUDAÍSMO

Então o rei Cuzarí chamou um sábio dentre os judeus e fez-lhe perguntas sobre sua fé:

11. O SÁBIO: **Nós acreditamos no Deus de Abraão, Isaac e Jacob, que libertou os judeus do Egito por meio de provas, milagres e prodígios, proveu suas necessidades no deserto e lhes deu a Terra de Canaã, após fazê-los atravessar o mar Vermelho e o rio Jordão com grandes milagres.** Ele lhes enviou Moisés e, por seu intermédio, outorgou-lhes a Torá e, na sequência, milhares de profetas alertaram o povo a observar Sua Torá, assegurando recompensa a quem observasse seus mandamentos e castigo a quem os transgredisse. Em resumo, *acreditamos em tudo o que está escrito na Torá.* Embora a Torá incluía muitas leis e mandamentos, mencionei aqui apenas os princípios básicos de nossa fé.

12. O CUZARÍ: *Eu estava inicialmente decidido a não interpelar os judeus, pois sabia que se lhes perdera a lembrança da Torá recebida dos seus ancestrais e que careciam de juízo e pensamentos profundos. E isto devido à sórdida pobreza e miséria que os privou de todas as virtudes (e pelo que vejo, não me equivoquei!). Esperava que você afirmasse acreditar no Criador do Universo, Maestro e Condutor do mundo, que o criou e*